

não está presente como contraria o contexto em que surge a expressão, parecendo-nos apenas uma *variatio* anódina por *Troianos* (v.g. *Laomendontia pubes*). Por outro lado a perspectiva de Eneias como traidor, embora presente em textos marginais da Antiguidade, contraria o escopo básico da obra, e mina a função de panegírico que já Sêrvio identificara como intenção fundamental da Eneida.

Obra de leitura fácil, pela brevidade de alguns artigos, dá-nos um conspecto de algumas das questões mais debatidas neste momento na crítica vergiliana, sobretudo italiana, e é mais um contributo para a compreensão do clássico dos clássicos.

LUÍS M.G. CERQUEIRA

ELLEN OLIENSIS, *Horace and the Rhetoric of Authority*. Cambridge University Press, 1998. 241 pp. ISBN 0521573157

A obra de Oliensis, fruto de rigoroso trabalho filológico, difícil e estimulante, exige um leitor versado na obra horaciana. Oliensis, interessada na “face” – enquanto “complex gestures” (p. 3) – que, naturalmente, ajustamos a cada pessoa e situação, admite ser “biográfica” a sua abordagem de Horácio, no sentido em que pretende explorar a vida que se desenrola na sua poesia. O estudo organiza-se em torno dos géneros poéticos principais, metodologia que possibilita, segundo a A., diferenciar “o Horácio” de cada colecção de poemas e investigar a evolução do fenómeno designado por “Horace’s distinctive face” (p. 4). Reconhecendo em cada género uma economia retórica própria, estuda Oliensis o uso que o poeta faz das diferentes “atitudes genéricas”, com a intenção de melhor compreender “as implicações sociais das suas opções estéticas” (p. 15). A obra respeita, ainda, *grosso modo*, a cronologia das colecções; tal permite a Oliensis, por um lado, cotejar “atitudes” ou “faces” horacianas mais “antigas” com as mais “recentes” e, por outro, analisar comparativamente a estrutura das obras (por exemplo, as *Epistolas* e as *Odes*, p. 180s.).

*Sátiras* I e II suscitam leituras diferentes. Enquanto no livro I o poeta se empenha em diferenciar a sua “face” da dos seus detractores, uma mudança discursiva quase o retira de “cena” no livro II: “o poeta” pouco “fala”, cedendo a palavra a outras personagens (p. 51). Considera Oliensis que uma “auto-consciência retrospectiva” distancia este do Horácio do livro I, agora satirizado por um poeta a que a A. chama “self-incriminating satirist” (p. 41). Os *Epodos* são lidos, por seu turno, como “socially engaged and consequential acts” (p. 64). A A. entende constituir um problema central a ténue distinção entre o poeta e os alvos da sua escrita, facto que empurra aquele para uma atitude quase permanente de auto-exorcismo: “as he makes faces at the enemy, the invective poet defaces himself” (p. 66). Oliensis descobre, ainda, no autor das *Odes* um “poeta imperial”, porque pronto a vincar a sua autoridade no domínio poético e, igualmente, a enaltecer os feitos do imperador (p. 102). É estudado o fenómeno – a A. chama-lhe “exclusionary rule” (p. 128) – que consiste na procura, por parte do poeta, de que a sua autoridade não “choque” com a de Augusto; é, geralmente, na ausência da última que a primeira emerge. Verificam-se, ainda assim, momentos de “confronto”, que Horácio enfrenta empregando mecanismos de evasão e contenção (p. 132ss), da maior relevância para uma análise da “moldagem” da face horaciana. Esta suporta duras provas perante Mecenas e Augusto, nas *Epistolas*. Interesse interpretá-las, salvaguarda a A., não apenas como “meditações” sobre a sociedade, mas igualmente como elos que sustentam e modificam as relações sociais (p. 154). Elas constituem “negociações” com aquelas duas figuras (p. 16), que culminam no “encontro” de 2.1; o poeta aborda, aqui, o problema de uma poesia dita “augustana”, isto é, cuja jurisdição pertence ao imperador, novo “avalizador”, em substituição das Musas, do cânone poético que Horácio deseja integrar (p. 193ss). O tema conduz-nos à *Arte Poética*, que suscita talvez o mais estimulante capítulo deste estudo. Os primeiros versos daquela obra são interpretados, convincentemente e com notável originalidade, como um episódio na história da construção de um “male gaze” (p. 200); e a derradeira proposta de leitura torna credível a identificação de Horácio com, nas palavras da autora, uma “sanguessuga imortal” (“The immortal leech”, pp. 215-223).

Ellen Oliensis, Professora Associada da Universidade de Berkeley (Califórnia), continua a dedicar-se, entre outros projectos centrados na poesia latina clássica, ao estudo da obra horaciana, tendo integrado, recentemente, a equipa que produziu *The Cambridge Companion to Horace* (ed. Stephen Harrison, 2007).

ANA MARIA LÓIO